

ROMPENDO O SILÊNCIO COM O MÉTODO SOCIOPOÉTICO: A DESNATURALIZAÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA

PETIT, Sandra Haydée – UFC

GT: Afro-brasileiros e Educação / n.21

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Querendo contribuir para o debate acerca dos afrodescendentes no âmbito escolar, realizamos, em 2001-2003, graduanda e professora, pesquisa acerca do preconceito na escola, com foco no PR (= preconceito racial). As nossas motivações eram tanto de ordem global, como de caráter local e específico.

Situando o contexto geral da problemática

No que diz respeito às dimensões globais, partimos de algumas constatações acerca da situação calamitosa do Negro no Brasil. Essa situação, apesar de amplamente descrita em numerosos estudos e ultimamente até, com certa repercussão na imprensa, merece ser lembrada, pois ainda subsiste no público em geral, desconhecimento e, por vezes, indiferença, acerca da gravidade da problemática racial.

Analistas tais como Marcelo Paixão (2003), apontam a imensa desigualdade existente entre Negros e Brancos no Brasil. Assim, no Relatório do Desenvolvimento Humano de 2001 elaborado pela ONU:

o Brasil como todo ficou na 65ª posição. Deste modo, os brancos ficaram 19 posições acima da posição brasileira no ranking do PNUD e os negros ficaram 42 posições abaixo. Comparativamente à África do Sul (111ª colocada no ranking do PNUD) os brancos brasileiros ficaram 65 posições acima e os negros brasileiros ficaram somente 4 posições mais bem colocados que aquele país da África Austral.

Essa diferença de 61 pontos entre as posições de Negros e Brancos nos índices relativos à qualidade de vida dos respectivos segmentos populacionais é um forte indicativo de que existe uma desigualdade estrutural entre os mesmos. Segundo dados do IBGE, em 2000, a maioria dos brancos no país – 53,9% - vivia em domicílios considerados adequados enquanto a grande maioria dos Negros – 70%- e dos pardos – 66% - continua residindo em domicílios inadequados, que não atingem o padrão mínimo de conforto.

O caráter estrutural dessa desigualdade fica ainda mais patente quando se percebe a quase total estagnação dos Negros nos últimos 50 anos nos mesmos níveis

baixos da hierarquia social. Referindo-se a um estudo de Paul Singer baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, Silva o cita, comentando:

a taxa de analfabetismo era máxima entre os negros nordestinos (49,6%) e mínima entre os brancos do Sudeste (8,4%), dando origem a uma situação em que brancos no Sudeste são quase sempre completamente alfabetizados e ‘modernos’, enquanto negros no Nordeste ainda vivem num ambiente semelhante ao Brasil de 1950 (...) *Sua exclusão pode ser classificada como ‘estrutural’*” (Singer apud Silva; 2002: 49) (grifo de Silva).

Muitas pesquisas deixam claro que esses dados não podem ser imputados apenas à estrutura sócio-econômica capitalista e sim também à discriminação propriamente racial que sofrem os afro-descendentes. Um exemplo disso é a pesquisa da PUC divulgada pela Folha de São Paulo em 18/05/2003. Essa *“mostra que estudantes negros estão aprendendo menos do que os brancos de mesmo nível social e que estudam na mesma escola”* (p. C5).

Os Negros

tinham, na média de todas as disciplinas verificadas, desempenho inferior em 9,3 pontos ao dos brancos, mesmo quando eram comparados alunos da mesma classe social e da mesma escola. (...) Para os pesquisadores, os resultados são uma forte evidência de que pode estar havendo preconceito na escola. Professores podem estar tratando de maneira desigual negros e brancos da mesma sala de aula.

A ex-secretária de Educação de São Paulo, Rose Neubauer, reconhece que pode estar ocorrendo um processo de profecia auto-realizada: *“Ou seja, o professor tem uma expectativa de que o aluno negro aprenda menos e, por isso, dá menos atenção a ele. Por causa da falta de atenção, o estudante acaba realmente tendo rendimento pior que o dos colegas de classe”* (op.cit). A atitude de professores e coordenações na escola a termina transformando em um *“ambiente hostil’ ou pelo menos indiferente aos problemas de relacionamento racial que ocorre tanto na instituição escolar como na sociedade abrangente* (Pinto apud Rosemberg; 1998: 83).

Cunha Jr (1996: 149) chama a atenção para o fato que *“os racismos brasileiros não têm a mesma cara e nem as mesmas sistemáticas nos diferentes Estados, nas diferentes cidades do mesmo Estado, nos diferentes bairros de uma mesma cidade e nas diferentes classes sociais de uma mesma localidade. Esse aspecto camaleão dos racismos dificulta a identificação e compreensão dos mecanismos de ação”*.

O Ceará tende a manter mais fortemente o silenciamento deste problema do que outros estados no Nordeste visto existir a crença de que (quase) não há negros nesse Estado. Porém, a negação da existência dos Negros não impede que estes sejam alvo de preconceito, como analisa Nyamien (1999: 117-118) revelando que para os alunos cearenses ser negro é ter cabelo “ruim”, pigmentação da pele forte, lábios grossos. Os demais afrodescendentes que não correspondem exatamente a esta descrição, considerada

depreciativa, são ditos “morenos”, mas esses últimos também enfrentam situações como isolamento e sofrimentos, com apelidos e insultos. Conclui ela que é muito

“difícil ser negro no Ceara, preservando a identidade positiva (...) é viver e conviver a experiência de ser negado, ser (in)visível como pessoa, história, cultura. (...) Na verdade, busca-se negar/ocultar/excluir um fato incontestável: a presença negra em terras cearenses (...) O que ainda precisamos desvelar é como o ser negro reage frente a essa realidade e de que forma afeta as identidades negras”.

Dimensões específicas do surgimento da pesquisa, questão norteadora e método utilizado

A idéia de pesquisar sobre o preconceito racial na escola surgiu, dos dados gerais acima referidos, mas também da vivência que tínhamos na escola alvo de nossa investigação. Nessa escola pública municipal, eu coordenei projeto de extensão chamado “A Escola que Queremos”. Desse projeto, surgiu uma pesquisa mais ampla intitulada “*Possibilidades de interferência dos alunos e de seus pais numa escola municipal*”. Na primeira fase dessa pesquisa, participamos da sistematização e análise de questionários com perguntas abertas aplicados durante o projeto de extensão a aproximadamente 600 alunos (de um total de 800 que freqüentavam o estabelecimento), gerando um total de 2829 respostas. Objetivávamos levantar o que esse segmento achava da escola – incluindo queixas e sugestões - e os temas que gostariam de discutir. Assim obtivemos um diagnóstico da escola. Nesse diagnóstico, percebemos que tanto nas queixas como nas sugestões de mudança, um dos principais problemas apontados foi o da convivência entre os pares no cotidiano da escola. As reclamações eram relativas a xingamentos, agressões físicas e humilhações nas relações entre os alunos. Mas esses fatos não eram relacionados ao PR. Esse foi mencionado apenas duas vezes num total de 200 respostas referentes a problemas de convivência. Perguntamo-nos até que ponto essa ausência era resultante ou não da irrelevância do fenômeno.

Tendo oportunidade de realizar dinâmicas sobre a questão na referida escola, notamos ainda que, embora muitos dos alunos dessa escola fossem afrodescendentes, não era comum se discutir sobre as problemáticas e acontecimentos históricos relativos aos mesmos. Esse “esquecimento” fazia com que os atores afrodescendentes não possuíssem espaço de expressão para uma reflexão sobre suas problemáticas. E na maioria das vezes esses alunos não se reconheciam como negros. A estas observações iniciais, acrescentou-se uma situação onde nós presenciávamos um aluno negro sendo depreciado pela sua cor por um de seus professores. O aluno apontado pareceu não se importar, sendo que outros

alunos encontraram o fato “engraçado”, dando-nos a impressão de que fatos como estes podiam estar sendo naturalizados. Resolvemos então analisar até que ponto o preconceito e particularmente o de caráter racial, seria recorrente ou não na escola e de que formas esse se manifestava. É conhecida a definição de PR, dada por Cashmore (2000:438) segundo a qual se trata de

conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes (...) nas relações raciais e étnicas o termo costuma se referir ao aspecto negativo de um grupo herdar ou gerar visões hostis a respeito de um outro, distinguível com base em generalizações. Essas generalizações derivam invariavelmente da informação incorreta ou incompleta a respeito de outro grupo.

Uma das questões então era descobrir o que seria preconceito na acepção dos alunos. Ficamos à procura de método de pesquisa que estivesse próximo de nossas intenções de buscar juntos com os alunos, refletir sobre essa problemática de uma forma democrática, não induzida e sem pretensões de conscientização. Nesse período, tivemos a oportunidade de conhecer o método da sociopoética e o idealizador desta abordagem, Jacques Gauthier.

Mas, o que é a SP (= sociopoética)? Filiada à pesquisa participante e à pesquisa-ação e inspirada pela prática freireana de círculo de cultura (Freire, 1987), a sociopoética propõe a realização de pesquisas coletivas mediante o dispositivo do grupo pesquisador. Assim, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e o público-alvo é convidado a se tornar *co-pesquisador* de um tema gerador escolhido conjuntamente. Co-pesquisadores e pesquisador/a oficial colaboram então em todas as etapas da investigação, inclusive nas análises e na sua socialização. Acontece assim uma “*democratização da produção do conhecimento, pois deixa de ser especificidade de uma ‘minoría de eruditos’*” (Umbelino; 2001: 43).

No nosso caso, negociamos pesquisa coletiva com o tema gerador *preconceito na escola*. Dezenove alunos das 3^a às 6^a séries engajaram-se conosco nessa empreitada, sendo que deles perto da metade eram afrodescendentes. Optamos propositadamente pelo tema gerador preconceito, mais genérico do que PR, para descobrirmos até que ponto o preconceito especificamente racial seria mencionado ou não, sem induzir a sua relevância.

A sociopoética espera “*descentralizar o processo de produção do conhecimento do alto do corpo, a cabeça, onde se localiza o cérebro, para as demais partes do corpo. Ou seja, o conhecimento é apreendido e produzido com o corpo todo, com os braços, as pernas, os sentidos, os gestos, as expressões,*

o ritmo, etc, o pensamento” (idem; p. 44). Partindo desse princípio, a SP recorre a técnicas artísticas que propiciam o emergir do imaginário. Acredita-se que “*a criatividade artística toca esses núcleos inconscientes, até (...) movimentá-los em sentidos inesperados, ainda não explorados*” (Gauthier; 1999: 54). Espera-se que as técnicas artísticas utilizadas permitam descobrir, mediante uma *escuta sensível* (Barbier; 2002) novos conceitos que a SP chama de *confetos*¹.

Nesse artigo trataremos de quatro das técnicas utilizadas, descrevendo-as e ressaltando, para cada uma delas, até que ponto o PR foi referido e quais suas manifestações concretas e simbólicas. Interessa à SP, descobrir algo que escaparia à simples discussão e análise crítica verbalizada, trazendo à tona o resíduo do implícito/abafado. Assim trata-se de tocar algo do invisível daquilo que dificilmente se imagina acerca da prática social do grupo (Gauthier; 2004). Por isso analisaremos brevemente nas conclusões até que ponto a SP ajudou a quebrar o silenciamento do fenômeno do PR, ausente no diagnóstico inicial.

Achados das técnicas plásticas

Realizamos duas técnicas plásticas 1) a vivência dos lugares geomíticos e 2) a viagem até o lugar sem preconceitos. Em ambas vivências, nós facilitadoras conduzimos um relaxamento corporal. Na primeira, sugerimos, durante o próprio relaxamento, que os co-pesquisadores relacionassem o tema preconceito na escola, aos lugares vento, caminho e poço, para depois pintarem esses lugares, explorando suas sensações/idéias e formando conceitos simbólicos. Já na vivência da “viagem” solicitamos, durante o relaxamento, que imaginassem uma travessia do local do preconceito a outro sem preconceito. Por falta de espaço não podemos trazer os desenhos para dentro do texto mas vale mencionar que alguns deles revelaram certa virulência do PR na escola, fornecendo pistas de que esse fenômeno não é nada sutil. Um deles, por exemplo, mostra uma menina negra jogada num poço seco, espremida pelas paredes; outro desenho tem escrito no caminho “Negro não! Fora negro! Chô negro!”; em outro, placas indicam: “Branco sim, negro não!”, em ainda outra produção consta um caminho onde dois jovens brancos espantam um negro, exclamando “Corre negro! Fora negro!”.

¹Estes são conceitos produzidos pelo apelo à imaginação dos co-pesquisadores, ao mexer com os sentidos geralmente esquecidos nas pesquisas convencionais.

Levamos as nossas análises referentes à produção plástica sob forma de conto, para uma *contra-análise*, momento da SP em que os pesquisadores oficiais confrontam suas análises à opinião dos co-pesquisadores. Durante essas oficinas o grupo deixou claro que existe na escola um fenômeno de naturalização do PR, reforçado pela vítima. Os alunos apontaram que o PR é banalizado pela vítima por dois motivos: 1) por ser tão comum que ganha tom de brincadeira; 2) pela vergonha sentida pela vítima que prefere se esquivar e não reagir, tendo a sua auto-estima afetada.

Numa segunda etapa, entrevistamos os co-pesquisadores pedindo para explicitarem os significados atribuídos aos desenhos. Transformamos essas falas em relatos. Eis alguns trechos dos relatos e uma seleção dos comentários dos alunos sobre os símbolos plásticos:

Poço

“Tinha um menino que queria tomar banho. Mas para pegar água no poço tinha que passar por um branco. O branco não deixou o menino negro pegar água porque era negro. Então o menino negro subiu na árvore pra pegar um pouco de água para ele poder tomar banho. Mas o homem branco não deixou”.

“Quando eu estava em cima do poço, de repente a tábua virou, eu caí dentro do poço, aí quando caí, lá só tinha gente negra. Eu vi um homem batendo ... um homem branco batendo num negro que já estava todo ferido e estava numa cadeira de rodas. Aí eu pensei assim: por que isso?, por que ele bate tanto nele? Então eu perguntei e ele disse que era porque ele é negro, não merece conviver entre os brancos. Aí de repente dá uma confusão na minha cabeça. Eu abro os olhos, e digo a mim mesmo: Por que? Por que tem que ser assim?”

Eu usei essas cores porque era para parecer um poço normal por fora, ele era um poço normal, mas por dentro você via que só tinha escuridão. Tudo isso tem relação com o preconceito na escola: (...). Tem várias pessoas que não gostam de negro. Quando vão fazer uma apresentação que vão ficar juntos, também não querem ficar perto de negros. Isso acontece não só na minha sala, mas no colégio. Eu já vi isso várias vezes”.

Caminho

“Tinha um menino negro que estava no meio de uma floresta. Só tinha duas pessoas: uma branca e um negro. Esse negro foi pegar algumas frutas, umas coisas da floresta. Então a branca disse que não podia porque ele não tinha o privilégio de pegar nada porque ele era negro, só ela que tinha esse privilégio, só ela que podia pegar as frutas, ele não podia pegar nada. Ela comia as frutas e só deixava para ele as folhas. O negro tinha as folhas, mas ele não sabia direito para que serviam só sabia que as folhas eram um remédio (...) Até que um dia a branca ficou doente, então ele pegou e disse: “você quer um remédio?” A branca respondeu: “Não, você não tem!” Ele disse: “eu tenho umas folhas que você me deu, são um remédio. Ela falou em seguida: “Então me dê”. Ele pegou, deu e ajudou a menina branca. A menina logo melhorou (...) Ela agradeceu a ele e pediu desculpas”.

Vento

“O vento, ele só coisava, ficava mais forte que um vulcão quando os negros passavam. Quando os brancos passavam o vento tinha preconceito só com os negros. Sempre levava os negros e carregava as folhas também”.

“É uma menina negra que tá brincando e pergunta assim “você quer brincar? ... posso brincar com você?”. E a outra responde que não pode brincar porque ela é negra, ela não quer brincar com gente negra. Assim é o vento que eu fiz. São pessoas assim que passam pelo vento. (..) Por onde a gente passa, tá o preconceito, tipo assim, tá no vento, se a gente reparar bem, tem preconceito. Eu achei que o preconceito era tipo um vento que tinha, assim como o pessoal passa, o vento não passa? E como a gente não vê o vento, a gente não vê o preconceito. O que tudo isso tem a ver com o preconceito na escola é que tem muito vento do preconceito na escola. Assim, uma pessoa pode ser alta ou baixa, ou negra, ou ter

um cabelo ruim, ou assim ser branca demais. (...) Essas pessoas chamam de muitos nomes, os pretos, gente morena. (...) Aí eu me baseei nisso, eu tirei a história por isso sabe”.

Lugar do preconceito

“Os filhos de uma mulher branca estavam nadando perto de uma criança preta, esta mulher estava chamando os filhos dela. Um dos filhos nem ligou o que a mãe dele tava dizendo e disse assim: “Mãe, nós podemos ajudar essas pessoas negras. Aqui no Brasil não pode ter preconceito, eu vou tirar eles desse lugar preto, sujo. A gente tem que se unir aos negros”. Houve dificuldade para sair de lá, porque a pessoa morena não tava acreditando, ele pensava que era um sonho que uma branca chegasse perto dele e ajudasse ele, porque por onde ele passava que as pessoas brancas estavam, xingavam ele. Outra dificuldade foi a mãe desse menino branco, que era preconceituosa, ela ficou dizendo que o filho dela tinha pirado, que ele tava com uma pessoa negra e ele ia ficar negro também. Mas o menino não era preconceituoso, ele tava querendo levar a pessoa negra para um lugar onde tivesse brancos e negros, tudo misturado. Para saber que o preconceito não era para acontecer no Brasil”.

“Tinha uma casa do preconceito com árvore e flores. Esta casa é vermelha porque fica em um caminho bom e porque é feita com o coração. Lá tem preconceito porque eles chamam as pessoas de negras, muito feias e brancas. Acho que para sair desse lugar a dificuldade é porque falaram muito preconceito (...) Nem a Pamela nem a Gessilane não falam nada comigo porque elas são minhas amigas. Agora as minhas amigas lá da rua dizem preconceito comigo porque eu sou muito negra, e mesmo assim eu acho que elas são minhas amigas”.

No que diz respeito às nossas análises, podemos resumi-las da seguinte forma: Embora tenham sido mencionados e representados preconceitos contra deficiente, velho e gordo, o que predominou mesmo no imaginário dos co-pesquisadores nessas técnicas, é o PR contra os Negros.

No poço, metáforas vinculando Negros e água suja foram recorrentes. Flagrou-se o avesso do mito da democracia racial com suas graves discriminações. Foi impressionante a violência revelada por algumas falas em que o preconceito racial é “agravado” pelo preconceito contra o deficiente e a covardia de quem faz uso de força desproporcionada. Este tipo de preconceito que parece se nutrir de ódio nos fez pensar que a situação na escola é longe de ser harmoniosa. O estigma contra a cor negra é particularmente forte, apresentando sempre conotação negativa.

No caminho, o negro é retratado como vítima “boazinha”, generosa e não rebelde, o que confirma algumas de nossas impressões iniciais de que a naturalização desse fato pode não “autorizar” o aluno a manifestar seu descontentamento diretamente, de modo que não verbaliza que está sendo tratado de forma preconceituosa. Nota-se ainda que os alunos negros são menos levados em consideração do que seus pares, tendo suas opiniões abafadas.

No vento há uma explicitação da rejeição da qual os negros são vítimas na escola, pois não estão tão bem-vindos nas brincadeiras, mesmo quando são muitos, ainda que exista a possibilidade dos negros serem defendidos. Mas quem tem a

infortuna de reunir várias características estigmatizadas – ser negro e deficiente físico – pode ser alvo tanto de violência física – golpes/socos -como psicológica – ser gozado.

No lugar do preconceito, além do PR contra Negros foram citados os que atingem pessoas muito brancas, filhos de separados e homossexuais. Revelou-se que os negros desconfiam dos brancos pois já foram tão xingados que receiam se aproximarem. Assim, eles preferem a palavra morena/o pois o termo negra/o lhes soa a xingamento. Alguns alunos são extremamente preconceituosos. Outros querem refletir, gostariam de receber ajuda para abandonarem a prática do preconceito antes de se adaptarem totalmente a ele. A dificuldade de deixar de ser preconceituoso foi o aspecto mais enfatizado nessa técnica.

Num terceiro momento, levamos as nossas análises referentes aos relatos sob forma de cordel e de conto, para uma contra-análise. Nessa contra-análise o grupo não se sentiu à vontade com alguns trechos do cordel, sendo por vezes contraditório nas suas afirmações. Assim, os co-pesquisadores confirmaram que pode existir a relação entre sujeira/negro/contaminação, mas apenas nas escolas particulares. Porém, alguns co-pesquisadores mostraram que essa relação se efetiva nos banheiros da escola (meninos brancos acham que os negros vão necessariamente sujar os banheiros).

Outra questão foi quanto à exclusão dos negros. Em princípio o grupo foi da opinião que os próprios Negros se excluem. Posteriormente, ao exemplificarem situações do cotidiano escolar, alguns opinaram que os Negros podem ser excluídos pelos colegas, por exemplo, nos trabalhos em grupo.

Por fim, no que diz respeito à cor dos Negros, inicialmente o grupo comentou que nem sempre a cor negra é suja, mas concordou que terceiros acham que seja. Porém, também afirmaram que “todas as coisas ruins são escuras”. Assim, indiretamente, o grupo terminou reforçando a idéia de que a cor preta do Negro é ruim, simplesmente por ser escura.

Ficou claro para nós que os co-pesquisadores reconheceram mais facilmente a ocorrência dos preconceitos ligados à cor quando estes são atribuídos a terceiros. A situação lembra aquela mencionada por Pereira (1996:76) ao referir-se a uma enquête realizada pela Folha de São Paulo em 1995: *“As respostas dos entrevistados, negros e brancos, negavam em suas experiências de vida a familiaridade com o preconceito, mas entrevistados de ambos os grupos atribuíam a outrem a responsabilidade pela existência do fenômeno entre nós”*.

Achados da técnica dos corpos abafados e das dramatizações verbais

Essa técnica foi realizada em outra oficina, da seguinte maneira: foram formados 5 subgrupos, cada subgrupo escolheu um dos integrantes para ser modelo, desenhando e recortando o contorno de seu corpo em papel madeira. Cada corpo teve as partes afetadas por preconceito(s), isto é, a cada parte do corpo, os alunos desenharam o tipo de preconceito que sofrem. Os corpos foram “entrevistados” pelos alunos acerca de como se sentiam (as respostas eram dadas pelos próprios alunos). Em seguida, analisamos esse material e levamos as nossas reflexões para uma oficina de contra-análise. Catalogando as formas de preconceito descritas pelo grupo, elaboramos um dispositivo chamado “Desfile do preconceito na escola” Nessa contra-análise os corpos afetados desfilaram mostrando os preconceitos como se fossem grifes, enquanto confirmávamos com os co-pesquisadores a existência ou não destes no cotidiano escolar. Eis um trecho do texto desse “desfile”:

“E o desfile de modelos do Preconceito na Escola tem início com Graseane!

Graseane tem olhos grandes e maquiados, bochechas vermelhas e sardas pretas. Sua boca vermelha revela como ela é sexy. Ela tem um grande traseiro, coxas cheias e seios fartos. Seu cabelo é preto, ondulado e com mechas loiras. Suas mãos mostram unhas bem pintadas.

Graseane desfila os preconceitos contra cabelos oxigenados, sardas, seios grandes e pessoas magras.

Uma salva de palmas para Graseane.

Nossa segundo modelo é Daniele.

Dani é uma menina negra de estatura baixa. É magra e tem braços finos. Cabelos crespos na cor marrom e verde. Olhos e pestanas cumpridas. Seu nariz é chato e pequeno. Ela traz óculos de cor azul e na barriga um círculo (por que ?)

Desfila preconceito contra cabelos crespos, óculos e pessoas magras.

Receba nossos aplausos Daniele”.

Ao realizar esta técnica, os co-pesquisadores denunciaram alguns preconceitos até então não mencionados como os que se dirigem a: boca grande, narigão, olhão, espinhas, sardas, magros e gordos, pernas cumpridas ou finas, cabelos tingidos, contra o uso de óculos e seios grandes ou pequenos. Apesar de alguns bonecos terem traços normalmente atribuídos a negros – notadamente um deles feito a partir de uma menina negra - apenas os cabelos crespos foram timidamente apontados como podendo ser alvo de preconceito, mas nem tanto racial, até porque o modelo não foi reconhecido como negra. Esta foi a primeira vez que o PR ficou quase ausente. Na contra-análise desta técnica questionamos se não havia traços de negros, notadamente no corpo desenhado da menina negra e se estas feições seriam alvo de preconceito. Os co-pesquisadores demonstraram certa resistência em reconhecer que existia um corpo de menina negra, alegando que esta não possuía os “beiços grandes”.

Já no que se refere às técnicas teatrais, a ênfase voltou a ser o PR pois em todas esse fenômeno foi retratado. Trato aqui das dramatizações que produziram mais dados.

Na primeira oficina foi realizada uma dramatização convencional: Os co-pesquisadores se dividiram em equipes e cada uma criou uma encenação para retratar os tipos de preconceitos que surgem no cotidiano escolar. Assim criaram a “Estória da Rosinha”. Tudo foi gravado em fita cassete. Sendo impossível transcrever as falas do conjunto das dramatizações, apresento aqui o texto que preparamos para fins de contra-análise, quando transformamos os diálogos em sinopses que sintetizavam os achados que estas nos revelavam. Eis a sinopse e as reflexões relativas à “Estória da Rosinha”.

- Professora mostra incompreensão com aluna negra chamada Rosinha. Ela é pobre e diz não ter estudado por não ter condições de comprar os livros.
- A filha comunica a conversa à mãe e esta resolve falar com a professora.
- A professora manifesta incompreensão e preconceito dizendo: “trabalhe sua negra preta, pois você vai ter que comprar os livros dela!”. A professora chama a mãe de “sua negra” várias vezes, mesmo com a mãe reagindo e apontando o preconceito.
- A filha da professora dá graças a Deus por não ter nascido negra e pobre que nem Rosinha
- A professora reconhece que teve preconceito e pede desculpas à Rosinha.

Nas complementações que pedimos e indagamos, os co-pesquisadores fizeram as seguintes explicitações referentes ao conteúdo da estória:

- Embora a maioria dos professores não manifeste preconceito, na escola dos co-pesquisadores existe professora grosseira que despreza e destrata gravemente o aluno com palavrões e sarcasmos.
- O pior xingamento é ser chamado de “negra pobre”, pois, na palavra dos co-pesquisadores isso “é uma baita ofensa”, “deixa a pessoa arrasada”.
- Apesar de não apagar a ofensa, um pedido de desculpas ajuda a vítima a se sentir melhor.

Essa dramatização convencional foi seguida em outras oficinas por estórias com desfechos diferentes, segundo a técnica do Teatro Fórum de Augusto Boal (1996): Um subgrupo de co-pesquisadores criou uma encenação referente ao preconceito na escola. Após a apresentação do grupo, outros três retomaram a mesma cena, mudando, cada um, o final, ou seja, idêntica situação de preconceito na escola teve quatro desfechos diferentes. No Teatro-Fórum o mote criado pelos co-pesquisadores foi: Aluna negra tira nota 10. Eis a sinopse da estória gravada com seu primeiro desfecho:

- Aluna negra tira nota 10 na prova. As colegas ficam indignadas, não acreditam que uma “negrinha” possa tirar nota 10 quando elas só tiraram 3,4, 7. Pensam que deve ter pescado. Uma das alunas ameaça pegá-la na saída.
- A diretora percebe o tumulto e intervém dizendo que isso é preconceito e que essa menina (Luana) só conseguiu essa nota alta por ter-se esforçado. Reforça dizendo que Luana vai estudar numa escola particular por apresentar grau mais avançado. Uma aluna se indigna: “além de negrinha, ainda vai levar dinheiro da diretora!”
- A professora exige que os alunos peçam desculpas à Luana, as alunas se executam.

As complementações dessa primeira versão nos permitiram revelar que:

- Na escola geralmente não se acredita na capacidade dos negros pobres, estes são considerados desonestos.
- Nas raras vezes que os alunos negros tiram notas altas, as demais pessoas se espantam.
- Quem tira notas altas deve estudar nas escolas particulares, pois estas são mais reconhecidas.

Segundo desfecho dessa estória:

- A professora intervém logo ao ouvir o preconceito, dizendo que no caso da menina sofrer de novo, ela terá de ir para outra sala, outra série “com pessoas do nível dela”.
- A diretora reforça essa idéia ressaltando que está sabendo que as alunas estão ameaçando a menina negra por terem inveja dela.

As complementações deixaram claro que:

- Apesar de na peça terem sugerido mudar a vítima do PR de sala, os co-pesquisadores reconhecem que isso não evitaria a ocorrência do preconceito, nem mesmo se fossem castigados os preconceituosos.

Terceiro desfecho da estória

- A professora vai logo procurar a diretora.
- A menina negra diz às colegas preconceituosas não ter medo da “turminha” que a ameaça na saída
- A faxineira negra é derrubada por uma aluna enquanto testemunha as ameaças. A faxineira vai contar o que viu e ouviu à diretora.
- A diretora chama as meninas preconceituosas para a secretaria. Uma das meninas – Camila Rabelo – nega os fatos, mas a faxineira insiste que a viu ameaçar Luana.
- Camila responde à diretora de forma desrespeitosa alegando que esta não sabe se vestir.
- A diretora bate boca sobre isso com as meninas preconceituosas.
- A diretora termina mandando a aluna negra para um colégio melhor que a afaste das colegas.
- As alunas preconceituosas vão levar três dias de suspensão pelo comportamento.
- Uma das alunas responde “só 3 dias?”
- No final, as preconceituosas não pedem desculpas. Pelo contrário, perguntam: “cadê a negrinha?”

Quarto desfecho da estória

- As duas alunas que tiraram as notas mais baixas são mandadas ficarem uma semana em casa estudando para melhorarem sua nota.
- Depois a professora dá nova oportunidade de fazer a prova. Na segunda ocasião elas conseguem tirar 10 e já deixam de ter raiva da menina negra e até pedem desculpas espontaneamente por a terem chamado de “negrinha”.

As complementações a esses dois desfechos permitiram deixar claro que:

- A persistência do PR, uma vez que mesmo diante dos testemunhos da faxineira e da repressão da diretora para com os preconceituosos, estes voltam a agir com preconceito.
- Os co-pesquisadores reconheceram que a direção não costuma castigar com suspensão esse tipo de ocorrência mas o que os alunos quiseram mostrar é que esse castigo não anula o PR.

Conclusões

Escolhemos o tema “Preconceito na Escola” antes que PR, pois tínhamos a preocupação em não induzir a relevância desse assunto. Foi interessante perceber que mesmo tomando esse cuidado, logo na primeira oficina de produção de dados, onde trabalhamos com dramatizações, surgiu o PR como fenômeno mais freqüente do que, por exemplo, o de classe ou contra deficiente físico. Os relatos referentes aos desenhos bem como as dramatizações deram bastante indicativos de que preconceitos de toda natureza acontecem na escola, como os referentes à deficiência física, gênero, condição social, aparência física, faixa etária, situação familiar, portadores de aids, mas o PR contra os negros sempre foi o mais mencionado.

Ficou evidenciado que embora não nomeado como tal, o PR já estava largamente presente no diagnóstico realizado na etapa inicial da pesquisa, uma vez que os problemas de convivência apontados foram claramente vinculados pelos co-pesquisadores a manifestações de PR na escola. Essas apresentam uma diversidade preocupante pois vão desde xingamentos, piadas, até atos de humilhação/discriminação(ex:bebedouro), rejeição/isolamento dos afrodescendentes e agressões físicas. Os desenhos desconstruíram o mito de que o racismo no Brasil é sutil. A violência tanto verbal como física foi referida como moeda corrente na escola e boa parte se refere ao PR. Ao se falar da sutileza do racismo à brasileira não se estará confundindo sutileza com silenciamento? Afinal, o fato de não ser nomeado como tal, não impede a virulência do PR. Dessa forma, os co-pesquisadores ampliaram o conceito de Cashmore (2000), incluindo no PR, não apenas as

pré-concepções hostis generalizantes mas também os próprios atos discriminatórios e seus efeitos.

Embora o grupo apontou atos de resistência (defesa de alguns contra esses fatos, generosidade das próprias vítimas), esses pareceram isolados e pouco eficientes, diante da persistência do PR. Daí não poder ser resolvido apenas mediante castigos aos agressores pois a punição por si só não impede a reincidência. Isso foi particularmente enfatizado no teatro-fórum quando os co-pesquisadores mostraram que a única forma que a escola lida com o preconceito, e notadamente com o PR, é mediante castigo dos agressores ou deslocamento das vítimas, ao invés de questionar as causas profundas do fenômeno e trazer a discussão para dentro do currículo. Entende-se assim que ainda que não necessariamente preconceituosos nas suas práticas, os professores e a direção são omissos em debater o PR e enfrentá-lo de forma duradoura, ficando assim coniventes com o silenciamento.

Outra conclusão importante refere-se à incidência das técnicas utilizadas na sociopoética. Constata-se que a natureza dos achados tem relação direta com a técnica utilizada, tanto na produção de dados como na contra-análise. Um exemplo disso está bem representado na vivência dos lugares geomíticos. Aqui a produção foi feita de forma metafórica, com um nível mais baixo de racionalidade. Ao procedermos à contra-análise apresentando um texto mais “realista” com linguagem direta, o grupo nem sempre se reconheceu como autor desses dados e ficou surpreso ao descobrir, após argumentos incontestáveis das pesquisadoras oficiais, que ele mesmo tinha produzido aqueles dados que agora lhe pareciam estranhos.

Penso que intuitivamente os co-pesquisadores reconheceram, tal Cunha Jr (2002:28), o PR como fenômeno distinto “*das discriminações sofridas pelos gordos, portadores de deficiência físicas e pelos que expressam diferentes opções sexuais*”, não por serem menos alarmantes, mas pelo fato do Negro ser referido tão sistematicamente “*aos lugares do pejorativo, do inferiorizante, do deslugar. O contexto é sempre de negação, se não total pelo menos parcial, das africanidades e das afrodescendências*” (idem. P27), ao ponto do nosso grupo até o final da pesquisa evitar o uso da palavra negra/o, sempre preferindo o termo morena/o.

Sem dúvida, um dos limites da pesquisa foi o de não ter conseguido reverter profundamente a conotação negativa da palavra negro/a, o que a meu ver demandaria mais tempo e outros processos concomitantes de amadurecimento pois como diz Santos (2002:105): *Obviamente, criou-se uma nação à imagem e semelhança dessa elite. Nossos programas*

infantis possuem mais loiras do que a Escandinávia inteira. Cadê o modelo positivo para a auto-estima de uma criança negra? Se a estima dos negros, por si só, não é grande coisa, o que dirá a estima dos outros sobre eles? (p.105). Sabemos com Oliveira (2003:1), o quanto é poderoso “no pensamento ocidental a escuridão, a sombra e a cor negra” como representações do mal, da desgraça, de perdição e da morte” e a pregnância exacerbada desse modelo aqui no Brasil.

Assim, quando se tratou dos corpos dos próprios co-pesquisadores, nenhum deles ousou revelar explicitamente o PR por medo de ser chamado de negro ou ter de apontar algum colega como tal. Compreendo que em nossa investigação o/a negro/a se escondeu, ficou apreensivo/a de ter de se revelar como tal. Achou mais seguro/a ser chamado/a de “moreno/a” por medo de deteriorar sua imagem.

Apesar desses limites, tenho a certeza de que a convivência nas oficinas sociopoéticas propiciou ao grupo, inclusive às facilitadoras, maior auto-consciência de seus preconceitos pois todos/as passamos a refletir sobre os mesmos, notadamente sobre o PR. Mães de alunas do grupo pesquisador nos revelaram que as suas filhas tinham mudado de atitude graças às nossas oficinas, tornando-se mais sensíveis às reações de seus pares. Várias co-pesquisadoras também nos afirmaram terem “melhorado” seu comportamento com os/as colegas, sobretudo no que se refere às relações inter-étnicas, evitando determinadas práticas preconceituosas. Penso que o principal mérito dessa investigação foi o de fazer o grupo quebrar o silenciamento em torno do PR tornado possível pela sua forte naturalização. Considero um *produto paralelo* importante da pesquisa o fato de todos os co-pesquisadores se permitirem essa desnaturalização.

Vejo nisso o que Gauthier (2004) chama de *dimensão maquínica* da sociopoética. Essa vem à tona quando os agenciamentos corporais – maquínicos - e incorporais – de enunciação - passam a interferirem uns nos outros. Nesse momento, parece que a própria produção de conceitos gera uma *transformação micropolítica do desejo* “com potentes efeitos na transformação da realidade, antes, no grupo-pesquisador e nos seus membros como pessoas individuais (inclusive o/a facilitador/a), e também, por consequência, nos mundos onde andam essas pessoas” .

Assim, verificaram-se possibilidades de construção de um espaço de reflexão sobre a condição dos alunos negros na escola. As oficinas sociopoéticas se configuraram nesse espaço de reflexão, dando indicativos de que esse tema pode e merece ser debatido na escola. Em se tratando de um tema tabu, concluo que o PR pode ser enfrentado de forma mais proveitosa mediante vivências e expressões artísticas que tocam a

sensibilidade e as dimensões abafadas do corpo, do que mediante verbalizações ou repreensões/moralizações passageiras.

BIBLIOGRAFIA CITADA

CASHMORE, Ellis: **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CUNHA Jr, Henrique: As estratégias de combate ao racismo – Movimento negros na escola, na universidade e no pensamento brasileiro. In: MUNANGA, Kabengele (org): **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Ed. USP/Estação Ciência, 1996.

CUNHA Jr, Henrique: Contexto antecedente e precedente – o curso pré-vestibular do Núcleo de Consciência Negra na USP. In: ANDRADE, Rosa Maria T. & FONSECA, Eduardo (orgs). **Aprovados! – Cursinho pré-vestibular e população negra**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2002.

GAUTHIER, Jacques: **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/ UFRJ, 1999.

GAUTHIER, Jacques: Trilhando a vertente da montanha sociopoética – a produção coletiva de confetos. In: SANTOS, Iraci (org). **Prática de pesquisa nas ciências humanas – aplicação da abordagem sociopoética**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004 (no prelo).

GOIS, Antônio: **Preconceito afeta desempenho na escola**. Folha de São Paulo. 18/05/2003. P. C5.

NYAMIEN, Francy Rodrigues da Guia: **Ser negro nas vozes da escola**. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira; UFC, Fortaleza, 1999.

OLIVEIRA, Jilvan Moreira de: **Matrizes imaginárias e arquetipais do Negro como mal no pensamento educacional do Ocidente**. Trabalho publicado no CD-ROM da 26ª Reunião Anual da ANPED: Poço de Caldas, 2003.

PAIXÃO, Marcelo: www.comciencia.br/reportagens/negros/12.shtml. 2003.

PEREIRA, João Batista Borges: Racismo à brasileira. In: MUNANGA, Kabengele (org): **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Ed. USP/Estação Ciência, 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia: Raça e desigualdade educacional no Brasil; In AQUINO, J.G. (org) **Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

SANTOS, Benedito Carlos dos: “Até que” e outras singularidades paranóicas. In: ANDRADE, Rosa Maria T. & FONSECA, Eduardo (orgs). **Aprovados! – Cursinho pré-vestibular e população negra**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2002.

SILVA, Wilson: Para que se comece a fazer justiça. In: ANDRADE, Rosa Maria T. & FONSECA, Eduardo (orgs). **Aprovados! – Cursinho pré-vestibular e população negra**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2002.

UMBELINO, Valmor João: O Branco, o Índio e o Negro – paradoxos. In: FLEURI, Reinaldo, GAUTHIER Jacques e GRANDO Beleni Salette (orgs): **Uma pesquisa sociopoética – o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: UFC/NUP/CED. 2001.